

Tiffany Reisz

SEVEN DAY LOAN

SpiceBRIEFS



THE ROSE



TRADUÇÕES

Tradução: Sofia M

Revisão: Nick

Leitura Final e Formatação: Nanna Sá

THE ORIGINAL *Sinners*



Ordem da série e seus contos acessem: <http://www.tiffanyreisz.com/storytime/original-sinners-reading-order>



A submissa treinada, Eleanor, vai fazer o que o seu mestre mandar... Mesmo se tiver que passar uma semana com um desconhecido. Daniel tem sido um recluso desde a morte de sua esposa, e o amante de Eleanor acha que passar o tempo com ela vai ser terapêutico - especialmente desde que Daniel também é um Dom.

Apesar de sua veia desafiadora, Eleanor não pode resistir em ceder às exigências eróticas de Daniel. Mas enquanto ela vai deixá-lo ter seu corpo, ela está determinada a manter uma guarda em torno de seu coração. Mesmo se Daniel quiser fazer Eleanor dele *permanentemente*...

—Aos vinte e três anos de idade, eu tinha esperado que essa coisa de fazer beicinho estaria bem além de você, Eleanor.

Eleanor virou o rosto para a janela do carro e revirou os olhos. Ela não prestou atenção aos bosques suaves de inverno rolando por ela; simplesmente não queria que ele visse a resposta infantil a sua repreensão. Ela já estava com suficientes problemas com ele. Ele, não iria sequer pensar ou falar o seu nome.

—Eu não estou fazendo beicinho... Senhor.— Ela demorou a adicionar o termo de respeito tanto tempo quanto fosse possível. — Beicinho é o que eu faço quando você me envia para a cama sem jantar. Você está me deixando por uma semana e apenas me dando para um estranho. Beicinho não é o que isto é.

Ela o ouviu suspirar e sentiu um puxão de simpatia que ela rapidamente forçou para longe. Ela sabia que estava sendo teimosa, mas ele estava sendo impossível.

—Então o que é? — Perguntou.

Eleanor manteve sua mandíbula apertada.

—Justa Indignação.

—Justa, realmente—, disse ele. —Você percebe que Daniel só é um estranho para você,— ele lembrou a ela, mas Eleanor somente olhou pela janela novamente. Daniel... Alguma coisa. Ela nem sabia seu sobrenome ou

qualquer coisa sobre ele. Ele era rico, aparentemente. Ele enviou uma limusine para levá-la para ele. Ela pensou que a limusine era um pouco ridículo, mas pelo menos deu-lhe a privacidade para desabafar sua frustração para ele durante todo o caminho.

—Ele é um velho e querido amigo— continuou ele. —Um dos melhores homens que já conheci. Como eu já lhe disse antes, sua esposa morreu há quase três anos. Ele tem sido uma espécie de recluso desde então.

—Então, me dando a ele para foder por uma semana é suposto consertar seu pobre coração partido?— Ela desafiou. —Você deve pensar que eu sou uma porra muito boa de cama.

—Embora é considerável, dificilmente o seu talento que eu imagino que você tem no quarto vai ajudar Daniel a voltar novamente ao mundo exterior. Eu apenas quero que você lhe faça companhia enquanto eu estiver fora. Se ele escolher ou não provar seus talentos, é decisão dele.

—Então eu não tenho uma palavra a dizer?

Eleanor se assustou ao som da janela escura sendo levantada separando eles do motorista. Mas ela não se surpreendeu quando ele a agarrou pelos joelhos e puxou-a para si. Ela terminou de costas esticada através do couro escuro do assento, com uma mão levantando a saia e abrindo as coxas dela. Com dois dedos, ele a penetrou rápido e forte.

—A quem você pertence?— Ele perguntou, a voz dele ameaçando calmamente.

Obrigou-se a respirar, forçou-se a encontrar seus olhos, olhos cinza e ameaçadores como uma crescente tempestade.

—Você, senhor—, respondeu ela com os dentes rangendo contra a violação súbita.

—E isto—, disse ele, espalhando os dedos dentro dela. Ela sentiu que foi ficando cada vez mais molhada ao toque dele e tinha que amaldiçoar seu corpo traidor por ser tão infinitamente sensível a ele. —A quem isto pertence?

—Você, senhor.

—Minha para manter?

—Sim, senhor.

—Minha para dar?

Ela engoliu em seco antes de responder.

—Sim, senhor.

—E minha para vir e ser reivindicada de novo?

Lágrimas tentaram se formar em seus olhos, mas ela forçou-as para baixo. Ela assentiu com a cabeça e sussurrou: —Sim, senhor.

Lentamente, ele tirou os dedos dela. Ela se sentou e ajeitou a saia enquanto ele limpou a umidade de sua mão com um lenço preto.

—Agora—, disse ele sem se preocupar em olhar para ela, —você teve a sua opinião.

Eleanor não disse mais nada enquanto a limusine puxava para dentro da entrada de automóveis longa e sinuosa de uma mansão colonial

coberta de neve. Pelo menos ele tem uma bela casa, Eleanor disse a si mesma. Ela quase esperava que se parecesse com uma prisão. Mas, ainda assim, uma bonita casa era um frio conforto por passar uma semana sozinha com um homem que ela nunca conheceu.

A limusine parou na porta da frente e um homem, presumivelmente Daniel, saiu para cumprimentá-los. Ela levantou-se para o lado tremendo enquanto ela deixava os velhos amigos trocar cumprimentos e apertos de mão. Pelo canto dos olhos ela estudou Daniel. Ela supôs que ele tinha trinta e seis ou trinta e sete anos; ele certamente não parecia mais velho. E, ela a contra gosto admitiu, ele era muito bonito. Longe do magro eremita pálido que ela tinha imaginado, ele era bem musculoso com um rosto esculpido como um antigo ídolo de um filme de Hollywood. Seu cabelo loiro fez ele parecer um pouco menos ameaçador, mas quando ele voltou sua atenção para ela, enrijeceu com medo. Seus olhos não eram nem frios, nem cruéis, mas nivelados com tristeza. A tristeza tornou-o imediatamente humano para ela e essa era a última coisa que ela queria ou precisava. Para passar por essa semana, ela precisava manter a guarda em pé. Ela o deixaria ter o seu corpo se ele exigisse dela. Ela não lhe daria nada mais.

—Portanto, esta é Eleanor,— Daniel disse quando ele lhe ofereceu sua mão. Ela apertou-a bruscamente e rapidamente antes de deixá-la cair e puxando os braços apertados em torno dela.

—Minha Eleanor, sim—, disse ele com um sorriso de carinho e orgulho. Seu amor óbvio por ela não a impediu de ainda pensar nele como só *ele*. Encarando a realidade da próxima semana, ela estava mais furiosa com ele do que nunca.

—É muito bom conhecê-la—, disse Daniel. —Vai ser bom ter um hóspede novamente. Eu tenho sido um pouco a senhorita Havisham¹ ultimamente .

Eleanor mordeu o lábio não querendo rir de sua astuta, se não ridícula, referência literária. Ela não tinha esperado que ele fosse um fã de Dickens.

—Eu vou ter a certeza de não comer o bolo de casamento—, disse Eleanor antes que ela pudesse se conter. Ela era naturalmente falante e até mesmo o mau humor não conseguia mantê-la segura de zombar.

—Ah, ela lê—, disse Daniel. —Bom. Estou tentando reorganizar minha biblioteca esta semana. Um par extra de mãos será uma grande ajuda.

—Eleanor adora livros—, disse ele. —Ela ainda trabalha em uma livraria, então no mínimo, você vai ter uma coleção perfeitamente em ordem alfabética.

—Oh, ela já está em ordem alfabética,— Daniel disse enquanto ele conduziu-os para dentro da casa. —Eu só não tenho a certeza de qual alfabeto. Certamente não o do Inglês.

¹ Personagem do livro *Grandes Esperanças* de Charles Dickens. Era uma mulher rica, mas eremita.

Eleanor olhou ao redor da casa de Daniel enquanto eles fizeram o seu caminho para o que ela supôs ser a sala de estar. A casa parecia grande, mas quente e teria sido aconchegante, por seu enigmático mestre. Na presença de tal dor, Eleanor duvidava que ela poderia se sentir em casa.

Daniel gesticulou para uma cadeira e sentou-se. Um olhar dele trouxe-a de joelhos aos pés dele. Em particular, ela sempre se sentava dessa maneira. Para ela era tomar a postura padrão de submissa em frente de Daniel significava apenas uma coisa: Daniel era um deles. Ou tinha sido, pelo menos, antes de sua esposa morrer.

—Posso oferecer a vocês uma bebida?— Daniel perguntou, sentando-se no sofá em frente a eles.

—Não, obrigado.— Eleanor deixou seu Senhor falar por ela. —Eu realmente preciso ir. Meu voo sai em três horas.

—Voltando para Roma novamente?— Perguntou Daniel.

—Mais uma vez—, disse ele, parecendo cansado de tudo isso.

—Eu vou levá-lo lá fora.

Normalmente, ele nunca iria deixá-la sem um longo e íntimo adeus. Mas desta vez ele apenas levantou-se, passou um dedo suavemente em sua bochecha e queixo, e deixou-a sozinha na sala. Ela esperou no chão, embora ela quisesse desesperadamente correr atrás dele e pedir-lhe para levá-la com ele. Mas ela estava demasiada bem treinada para quebrar a

postura submissa com o único propósito de se engajar no que ela sabia que seria uma explosão emocional fútil.

Depois de alguns momentos, Daniel voltou para a sala de estar. Ele não disse nada, no primeiro instante e Eleanor só podia manter seu silêncio e seus olhos baixos.

—Por favor, sente-se—, disse ele, sua voz gentil e ligeiramente divertida. —Em uma cadeira.

—Oh, uma cadeira. Quão extraordinariamente generoso —, disse ela, incapaz de manter seu comportamento submisso agora que ela estava realmente sozinha com Daniel.

—Eu entendo que você está chateada com este arranjo.

Eleanor sorriu. Chateada?

—Eu entendo—, disse ela enquanto se sentava na poltrona atrás dela. —Isso é o bom policial, mau policial², certo? O mau policial me intimida e vai embora, em seguida, o bom policial chega e me oferece leite e biscoitos e uma boa cadeira confortável. Que fofo.

—Ele me avisou que você era inteligente. Ele esqueceu de mencionar que você era uma espertinha também.

Ela teve que dar a Daniel algum crédito. Ele estava impressionantemente pouco impressionado com seu sarcasmo. Mais resistente do que até mesmo parecia.

² Good cop, Bad coop – é uma técnica policial para extrair algo da pessoa. Consiste em um policia duro e mau e um policia gentil e bondoso.

—Ele pode viver até aos cem anos e a palavra 'espertinha'³ nunca vai passar dos lábios perfeitos dele e você sabe disso —, disse ela.

Daniel riu um pouco.

—Ele é um pouco demasiado bom para isso, não é? Suponho que ele diria que você foi...

—Imprudente—, sugeriu.

—Uma avaliação justa, eu acho. Ele poderia ter me avisado que você era imprudente.

—Eu acho que ele pensa que ficar sem saber seria melhor. Já que você está jogando de bom policial, eu deveria esperar um grande jantar agora? Uma massagem talvez? Ou que tal a história triste sobre a sua pobre esposa morta e como você está tão triste que eu deveria surpreendê-lo de nove maneiras até domingo? —, perguntou ela, deliberadamente tentando obter uma reação dele. Mas ele ainda parecia impassível. Isso assustava-a ainda mais do que uma reação emocional faria. Sua dor era muito profunda para ser tocada. Fazia parecer que ele estava muito além dela.

—Eu acho que nós deixamos o reino da insolência e entramos no reino da putaria.

Ela quase riu. Putaria⁴, outra palavra que ela nunca iria ouvi-lo dizer.

³ Smartass em inglês. A palavra usa “ass” que é bunda em inglês. Soren, sendo padre e muito correto nunca iria usar uma palavra com “ass” nela.

—Uma avaliação justa—, disse ela, repetindo as palavras de Daniel. Ele inspirou e expirou pesadamente. Ela podia dizer que ele estava considerando suas próximas palavras.

—Eu não vou sobrecarregá-la com uma história triste—, disse ele. —Mas você merece alguma explicação para a sua presença aqui. Eu era casado, felizmente, há sete anos. Minha esposa e eu éramos como você e...

—Se você deseja o meu lado bom, por favor, não diga o nome dele. Vou passar esta semana um inferno de muito mais fácil se eu não tiver que ouvir sobre ele ou falar sobre ele.

Daniel concordou.

—Como você e ele são—, continuou ele. —Ela era mais que minha esposa. Ela era minha propriedade, minha posse... e minha melhor amiga. Ela morreu há três anos. Não estive com ninguém desde então. Quando confessei isto a S-a ele, ele insistiu que algum tempo com você seria terapêutico. Como você pertence a ele, não há ameaça de envolvimento romântico. E, como você já está familiarizada com a exigência específica do estilo de vida.

—Eu sou kinky⁵. Você não tem que recorrer a eufemismos.

—Então, a transição do celibato de volta à sexualidade seria muito mais suave.

⁴ Bitchiness em inglês. Bitch é cabra, puta. Soren também nunca diria "bitchiness" por conter bitch.

⁵ Pessoa que pratica sexo Kink (pouco convencional)

—Portanto você planeja me foder, então?— Perguntou ela, embora ela já soubesse a resposta.

—Quando você estiver pronta e se você não tiver nenhuma objeção.

—Eu estou aqui, não estou? Ninguém tem uma arma na minha cabeça.

—A força é para amadores. Irei dormir sozinho até a eternidade antes que eu tenha que tomar um parceiro relutante e levá-lo para cama. Ele já dividiu-a com os outros antes, não foi?

—Sim, claro. Mas, —ela disse e respirou—, ele estava sempre lá.

—Eu entendo. Como eu disse, quando estiver pronta. E não até então.

—E agora?— Ela perguntou depois de um momento de pausa. Daniel levantou-se e foi até a porta. Ela rapidamente se juntou a ele.

—Tenho certeza de que você precisa de um tempo para desfazer as malas e descansar. Então, eu suponho por agora eu vou simplesmente mandá-la para o seu quarto.

—Enviar-me para o meu quarto? Depois de ter sido uma cadela?
— Eleanor zombou. —Por um momento era o bom policial e agora um policial distante. Tudo bem, eu vou para o meu quarto.— Ela moveu-se para dar um passo, mas Daniel segurou-a pelo queixo. Ela engasgou com o movimento súbito e inesperado, chocada com a súbita mudança em seu comportamento.

Ele a forçou a encontrar seus olhos.

—Eu não tenho jogado este jogo nos últimos anos—, disse ele, a voz baixa e ameaçadora. —Isso não significa que eu esqueci como faz.

Eleanor não se atrevia a piscar ou respirar. Daniel afrouxou o aperto em seu queixo, mas não deixou-a ir.

—Eu posso não tocá-la novamente durante o resto desta semana— disse ele. —Ou eu posso te foder cegamente, surdamente e mudo. Mas você vai ser respeitosa comigo enquanto estiver aqui, não importa que regime de dormir seja decidido. Entendido?

Eleanor piscou e assentiu.

—Sim, senhor—, disse ela com os lábios trêmulos.

—Bom. O seu quarto é próximo ao meu. É no topo da escada, o segundo contado do último quarto a direita. Suas malas já estão lá.

—Obrigada—, disse ela, com a voz pouco mais do que um guincho.

Daniel sorriu, mas não era um sorriso amável. Ele enviou um frio no estômago, mesmo quando seus dedos contra a sua pele a faziam desconfortavelmente quente.

—Você se encolheu—, disse ele. —Isso não deve ser como ele geralmente consegue sua atenção.

—Não é. Ele agarra meu pescoço. Ou o meu punho.

—Qual você prefere?

Ela encolheu os ombros.

—Eu odeio todos eles da mesma maneira.

Os olhos de Daniel momentaneamente se iluminaram com uma risada reprimida e Eleanor foi atingida novamente por como era bonito. Isso ia ser uma longa semana.

—Vá—, disse. —Vejo você amanhã.

Aliviada ao ser dispensada de sua presença irritante, Eleanor praticamente correu em direção à escadaria. Dando dois passos de cada vez ela chegou ao topo e pelo corredor até ao quarto dela em pouco tempo. Ela abriu a porta e bateu atrás dela, grata por estar segura e só por uma vez naquele dia. Bem, talvez não esteja segura, disse a si mesma. Mas, pelo menos sozinha.

Ele tinha dito a ela do por que ela estava aqui, o que seria esperado dela. Mas só agora compreensão que ela seria a posse sexual de Daniel esta semana verdadeiramente registrou em sua mente. Ela foi até a janela e olhou para fora, tentando ver onde a propriedade de Daniel terminava e o mundo exterior começava. Mas uma nova neve tinha começado a cair e Eleanor tinha vivido em New England toda a sua vida. Ela sabia que aqueles densos pesados flocos caindo de um céu cinza escuro significava uma tempestade de neve. Ela estava presa aqui, presa com ele. Ela estava aqui e agora ela era dele.

Desempacotar as coisas tinha tomado apenas alguns minutos e, embora o quarto fosse elegante e espaçoso, com uma igualmente elegante casa de banho anexa, havia pouco a ser explorado. Eleanor tentou ler—ela

embalou uma mala cheia de nada mas do que livros—mas sua mente vagava muito além, muitos caminhos perigosos. Ela foi consumida por pensamentos em Daniel. Deitada em sua cama, ela olhou para o teto, recordando o aperto áspero da mão de Daniel em seu rosto. Ela sentiu a força dele, sentia que ele era um homem a ser considerado. Ela ficou lá até que ela adormeceu e sonhou que estava se afogando em um mar de neve negra.

Uma hora ou um dia depois, ela acordou tremendo no escuro. Ela olhou ao redor tentando conseguir se orientar. Ela estendeu a mão para o abajur e tentou ligar. Nada aconteceu. Ela tropeçou para a parede e ligou o interruptor, mas novamente a escuridão permaneceu intocada. Vestindo apenas uma branca camisola de algodão, mergulhou debaixo de suas roupas de cama, desesperada pelo calor que poderia oferecer a ela. Dentro da cama, ela notou uma luz fluindo por debaixo da porta que separava seu quarto de Daniel. Como é que ele ainda tinha eletricidade quando ela não tinha? Curiosidade superou o medo e ela saiu debaixo das cobertas e pisou em silêncio pelo chão. Ela considerou bater, mas o silêncio na casa parecia muito penetrante para quebrar. Com a mão trêmula, ela virou a maçaneta da porta e encontrou a porta destrancada. Ela respirou fundo e entrou.

—Não consegue dormir?— A voz de Daniel veio de uma cadeira na frente de uma lareira imponente. O laranja e vermelho do fogo era a fonte da luz que ela tinha visto.

—Estou com frio—, disse ela e moveu-se nervosamente em direção ao som de sua voz. —O que aconteceu com as luzes?

—Apenas foi abaixo com toda a neve.— Ele parecia cansado do mundo, fatigado. —Elas vão estar de volta pela manhã, tenho certeza. — Eleanor encontrou-o ainda vestido, mas com um botão aberto em sua camisa e um copo de vinho branco na mão. —Você é bem-vinda para compartilhar o meu fogo. Eu não vou nem cobrar aluguel.

Ela lhe deu um sorriso tenso, sabendo exatamente o que ele queria dizer com aluguel, e sentou-se no tapete macio em frente à lareira. Ela colocou os braços apertados sobre o peito e respirou o calor enfumaçado para dentro dos pulmões.

Eles ficaram em silêncio durante o que pareceu uma hora, os únicos sons na sala era o estalar e o cuspidor da madeira a ser consumida.

—Eu sinto muito.— Eleanor finalmente quebrou o silêncio.

—Por quê?— Daniel perguntou, tomando um gole vagaroso do seu vinho.

—Pelo o que eu disse sobre sua esposa. Aquilo foi desnecessário.

—Desnecessário? Sim, suponho que foi. Ainda assim, esta ainda não pode ser a situação mais confortável para você .

Ela encolheu os ombros.

—Ninguém tinha uma arma na minha cabeça. Eu faço o que ele me diz para fazer, o que ele quer que eu faça. Porque eu o amo. Simples assim.

—Simples... isso é? Nós nunca nos encontramos antes de hoje, Eleanor. E mesmo assim ele espera que você, ou melhor, ele quer que você se dê a mim. Não é muito simples do meu ponto de vista.

—Ele é irritante, mas eu o conheço e amo desde que eu era uma criança.

—Você tem vinte e três, sim? Você ainda é uma criança.

—Mas ele nunca me levou para qualquer lugar onde eu era muito jovem para ir. Nunca me pediu para fazer qualquer coisa... —Sua voz sumiu quando percebeu as implicações do que ela estava dizendo. Ela tomou uma respiração rápida. —Qualquer coisa que eu não estava pronta para fazer.

Eleanor encontrou os olhos de Daniel por um breve momento e olhou para o fogo.

—Você está pronta? — Daniel perguntou e pousou o copo sobre a mesa ao lado de sua cadeira.

Ela contou até dez antes de responder. Ela sabia a resposta no —um—, mas um pequeno orgulho feminino tinha feito ela esperar mais nove segundos antes de dizer.

—Sim.

Se Daniel ficou satisfeito com a resposta dela, seu rosto não demonstrava. Sua expressão era inescrutável.

Ele se inclinou de sua cadeira. Eleanor estudou-o enquanto ele se movia. Parecia que ele estava olhando apenas para a própria mão direita

dele. Ele abanou os dedos para fora, olhou para sua própria palma da mão. Sua mão enrolou apertado em um punho. Mas era o som de seus dedos estalando, alto e de forma inesperadamente afiada, que realmente exigiu sua atenção. Ele estalou e apontou para o chão. Ela respondeu com a obediência bem treinada, subindo do tapete e se ajoelhando novamente a seus pés.

Ela inalou quando ele colocou a mão no lado do rosto. Seu polegar acariciou sua bochecha.

—Eu não vou te beijar se isso faz você se sentir desconfortável.

—Para ser honesta, eu acho que não beijar vai torná-lo pior.

—Honestamente—, repetiu ele. —Sim, seja honesta. Tem sido mais de três anos para mim, você entende. Eu preciso que você diga-me se é algo que você não gosta.

—E se...— Ela parou e respirou. Sua mão estava em seu pescoço agora, seus dedos musculosos amassavam a pele de uma forma que fez seu estômago dar um nó e a carne entre as coxas tornarem úmidas. —E se eu realmente gostar?

Daniel sorriu para sua pergunta e pela primeira vez ela pensou que ela teve um vislumbre do homem que ele deve ter sido antes da dor se enterrar e fazer de seu coração uma casa.

—Então diga-me isso também. Compreende?

Ela sorriu para ele.

—Sim, senhor.

—Senhor... Eu não sou chamado assim a tanto tempo. Eu esqueci o quanto eu gosto. Levante-se, Eleanor, — ele ordenou, e ela ficou imediatamente de pé. Ele estendeu a mão e desatou a fita no pescoço de sua camisola. O tecido solto e deu lugar as suas mãos. Ele deslizou o vestido pelos ombros e deixou-o cair no chão. Ela não usava nada sob o vestido pelo que ela agora estava nua diante dele, tremendo, mesmo, apesar do fogo.

Daniel colocou as mãos contra o estômago antes de deixá-las andar lentamente ao longo dos contornos e curvas de seu corpo. O ato parecia estranhamente pouco sexual. Ela sentiu tanta admiração e curiosidade em seu toque quanto desejo.

Ele reuniu seus seios com as mãos, segurando-os delicadamente. Ele roçou os polegares em seus mamilos e ela estremeceu de prazer. Ele pegou-a pelos quadris e moveu-a para ainda mais perto dele, perto o suficiente para ele tomar um mamilo na boca. Ela agarrou seus ombros para se firmar enquanto ele chupava os seios, alternando entre a boca e os dedos enquanto ele beliscava-os e beijava-os até que os mamilos estavam dolorosamente inchados.

Eleanor tomou respirações lentas enquanto ele continuou seu ataque a seus sentidos. Ele enfiou a mão por trás do joelho dela e levantou a perna, colocando o pé na cadeira ao lado de sua coxa.

Ainda segurando em seus ombros para se equilibrar, ela olhou para baixo e viu quando Daniel deslizou um único dedo dentro dela. Ela

ouviu um suspiro de prazer, mas não tinha certeza se tinha escapado de seus lábios ou do dela.

Um segundo dedo se uniu ao primeiro e Eleanor começou a ofegar quando Daniel movia para dentro e para fora dela até que brilhou com sua umidade contra a luz da lareira.

Com a outra mão ele explorou seu clitóris, sondando devagar e com cuidado até que encontrou seu ritmo, o ritmo perfeito e pressão que a trouxe para a beira do orgasmo.

—Eu não posso...—, ela engasgou. —Eu não suporto.

Daniel imediatamente levou as mãos para longe dela. Ele reuniu-a nos braços e levou-a para a cama. Estava escuro longe do fogo, e frio. Ela se contorceu debaixo das cobertas enquanto Daniel acendia um punhado de velas.

Ela viu agora que seu quarto era tanto masculino como elegante; móveis de madeira escura contrastavam com os lençóis e tapetes esbranquiçados. Mas, quando ele estava ao lado da cama e começou a se despir, os olhos apreciativos dela caíram apenas sobre ele.

O peito nu de Daniel era ainda mais amplo e forte do que a roupa tinha insinuado. Seu estômago era totalmente duro e musculoso. As luzes das velas cintilaram sobre sua pele, jogando cada linha e ângulo em relevo. Eleanor puxou as cobertas pesadas para o queixo, de repente incerta com a perspectiva de ver tudo dele.

Ela rolou de costas e olhou para a escuridão que pairava no teto alto enquanto ele descartava o resto de sua roupa. Ela sabia pelo deslocamento da cama que ele se juntou a ela. Então foi seu rosto, seu corpo nu que reivindicou seu campo de visão. Ele puxou as cobertas pelo seu corpo abaixo, revelando cada polegada dela para sua vista novamente.

—Abra suas pernas—, ele ordenou e foi, sem dúvida, uma ordem. Ela ouviu o tom imperativo em sua voz, o tenor de comando. Ela obedeceu. Ela foi treinada para obedecer, treinada para querer obedecer.

Quando ela abriu as pernas, Daniel pegou uma das velas que ardiam na mesa de cabeceira. Ele trouxe para ele, cuidadosamente para não derramar cera. Ele se estabeleceu entre suas coxas abertas e olhou para ela.

—Use as mãos—, disse ele. —Abra-se.

Eleanor chegou até abaixo e, com os dedos trêmulos, espalhou os lábios de sua vagina tão largamente quanto ela confortavelmente podia.

—Seu clitóris—, disse ele. —Mostre-me.— Eleanor corou na semiescuridão, mas o embaraço não a impediu de usar o polegar e puxar para trás a cobertura de seu clitóris. Agora nada de suas partes secretas permaneciam escondidas de sua visão.

Ela olhou para Daniel quando ele olhou para ela. Seus olhos pareciam devorá-la. Ela raramente se sentiu tão exposta em sua vida.

—Eu tinha esquecido—, disse ele em voz baixa, —quão bonito isto é.

Ele moveu a vela para a mão esquerda e com a direita ele a tocou. Um por um, ele mergulhou cada dedo dentro dela — o polegar, o dedo indicador... Deslizando um, puxando lentamente para fora, e depois empurrando no próximo como se ele tivesse a experimentando de todos os ângulos. Com um único dedo molhado ele ampliou sua entrada apertada com círculos em espiral. Ela estava tão molhada que ela podia ouvir a si mesma.

Mais uma vez ele pressionou dois dedos dentro dela. Ela arqueou os quadris em sua mão. Ele sondou ao longo da parede da frente de seu corpo ansioso. Ela engasgou quando de repente ele empurrou forte em seu ponto G, seus músculos interiores se apertando sobre ele.

Ela ouviu sua suave risada e ela corou novamente, desta vez com a própria evidente necessidade por ele.

—Coisinha responsiva, não é?— Daniel brincou quando ele puxou para fora dela mais uma vez e se inclinou para colocar a vela de volta na mesa. —Eu me pergunto como você vai responder a isto...

Agora era a sua boca nela, sua língua dentro dela. Ela recuou em choque com a pura ferocidade daquilo. Ele pegou seu clitóris entre os lábios e chupou. Ela cravou suas mãos na cama, desesperada para segurar algo, qualquer coisa para se firmar quando uma corrente de prazer—tão forte que se sentia como se fosse arrastá-la—passou por ela uma e outra vez. Daniel a trouxe mais uma vez para o limite do orgasmo e parou. Ele se arrastou pelo corpo dela e pressionou os lábios, molhados com seu desejo,

em sua boca. Provou primeiro a si mesmo, e então ele. Enquanto a beijava com lábios famintos desesperados, ela sentiu-o chegar para os joelhos. Ele trouxe as pernas para cima, posicionando-as sobre os ombros. Ele se inclinou para beijá-la mais uma vez, um movimento que empurrou seus joelhos quase no seu peito.

Agora foi Daniel que alcançou entre suas pernas e espalhou-as amplamente. Ela sentiu a ponta molhada de seu pau contra ela. Ela mal teve tempo de preparar-se antes dele empurrar-se nela tão forte, tão incrivelmente profundo que ela quase chorou.

Eleanor tentou respirar quando Daniel montou-a com longos impulsos. Ele era grande, mas ela estava bem acostumada com tamanhos grandes. Ela ficou chocada não por sua insistência; cada impulso indo mais e mais profundo, até parecia que ele batia na boca do estômago. Rapidamente deixou o reino do sexo e se transformou em uma pura foda. E ele a fodia e a comia como um homem faminto. Três anos de celibato e tristeza transformaram seu corpo em um vazio de fome pura. Ele agarrou seus pulsos enquanto ele a levou, segurando-a com força. Se ela quisesse escapar dele não poderia. Nenhuma parte dela queria fugir. Ainda assim, uma remanescente faísca desafiante nela lutou contra o clímax que ameaçava entrar em erupção a partir de dentro dela. Ele era tão de repente possessivo com ela e ela tão consciente de que não importa o quanto ele a tomasse, ela não era dele, que ela se recusava a dar-lhe a satisfação de lhe dar satisfação. Mas nenhuma quantidade de respiração lenta e constante

podia impedi-la. Ela gozou e quando ela gozou era como se o orgasmo fosse arrancado dela. Ele tirou de seu corpo ao invés de dar a ela. Seu ritmo ficou mais rápido, mais forte, e ela segurava as barras da cabeceira da cama enquanto ele gastava o prazer dela, enchendo o estômago dela com seu calor líquido.

O coração de Eleanor ainda acelerava até quando a sua respiração irregular se acalmou. Ela olhou para Daniel, que ainda estava incorporado nela. Seus olhos estavam fechados e sua testa franzida em concentração como se estivesse tentando gravar em sua memória, este momento, dentro dela. Eleanor olhou para seu rosto. Longos louros cílios estavam no rosto pálido como a luz do sol na neve, e ela sentiu uma pontada inesperada de ternura em direção a ele.

Daniel abriu os olhos lentamente. Eleanor tentou sorrir para ele, mas o olhar que ele deu a ela foi de choque. Ele parecia estar vendo um estranho, e Eleanor percebeu com uma agitação doente em seu estômago que ele estava.

—Foi ela que você estava fodendo, não foi?— Ela perguntou, sua voz suave e sem acusação. —Sua esposa, certo? Mulher de sorte.

A única resposta de Daniel foi escorregar para fora dela. Ele saiu da cama e jogou suas roupas.

—Fique com a cama—, disse ele, sem olhar para ela. —Hoje à noite este é o quarto mais quente na casa.

—Mas onde você vai...— Eleanor começou a perguntar, mas ele já tinha ido embora.

Ela gemeu em frustração e caiu de costas na cama. Ela soprou as velas e puxou as cobertas até ao queixo. Depois de alguns minutos no escuro, ela sentiu a presença de fantasmas no quarto — o fantasma da falecida esposa de Daniel e o temível fantasma do homem que Daniel tinha sido antes de sua morte. Eleanor sabia que ela estava com eles no fantasma de seu leito conjugal. Ela jogou as cobertas de lado, encontrou a camisola, e voltou para seu próprio quarto. Ela rastejou de volta para sua cama congelando onde pelo menos sabia que o único corpo frio entre os lençóis seria o dela própria.

Eleanor acordou na manhã seguinte e ouviu um zumbido fraco, mas reconfortante que indicou que a eletricidade tinha sido restaurada na casa. Ela tomou banho e se vestiu e surrupiou pelo café da manhã na grande, mas quase vazia cozinha. Ainda assim... Embora a cozinha parecia abandonada, algo lhe disse que ela não estava sozinha em casa. A neve da noite passada tinha sido muito espessa e pesada nas estradas para passar em condições seguras. Uma vez que seu estômago estava confortavelmente cheio, ela começou uma exploração superficial. Ouvidos sintonizados com no menor ruído, ela parou diante de uma porta fechada perto da parte traseira da casa e ouviu o som inconfundível de livros deslizando em uma prateleira.

Ela soltou um assovio quando ela entrou. A biblioteca era muito maior no interior do que a discreta porta tinha pressagiado e estava abastecida prateleira atrás de prateleira, estante atrás de estante, de livros. Livros suficientes para começar sua própria livraria.

—Eu sabia que tinha ouvido o som de livros—, ela disse para ninguém em particular.

—Você ouve livros?— A voz levemente sarcástica de Daniel veio do canto esquerdo da biblioteca. —Interessante. A maioria das pessoas realmente tem que lê-los.

—É um dom—, disse ela, encolhendo os ombros. —O que você está fazendo?

Daniel ficou atrás de uma mesa empilhada com livros até ao ombro.

—Estou drenando toda a sopa de letrinhas da minha biblioteca.— Ela levantou uma sobrancelha para ele enquanto ela caminhava até a mesa. —Eu pensei que você fosse um bibliófilo—, Daniel provocou em resposta ao seu olhar perplexo.

—Eu sou uma bibliófila. Uma bibliófila obcecada mesmo. Mas eu ainda não tenho ideia o que você está falando.

—Bem, como o seu conhecimento do livro vem do lado da indústria, então eu vou perdoar a sua ignorância. —Ele piscou para ela e ela corou quando uma memória sensorial da noite passada bateu nela na parte inferior do estômago com suave força, mas insistente. E a luz, aquela

certa luz branca criada apenas na manhã de sol refletindo na neve recém-caída rendeu uma quase luminosidade as belas feições de Daniel. Ela quase esqueceu o que eles estavam falando. —Vamos ver, na sua livraria seus livros são divididos por assunto e, em seguida, em ordem alfabética pelo sobrenome do autor, sim?

—Certo. Com poucas exceções.

—Bem, nas bibliotecas não são permitidas quaisquer exceções. Os livros têm que estar de modo perfeito em todos os momentos. Você não pode fazer isso com apenas a classificação por gênero e alfabetização.

—Sim, para isso que o sistema decimal de Dewey serve, certo?

—Mas não há apenas Dewey. Há o sistema de Classificação da Biblioteca do Congresso. Dewey é um sistema limpo, eficiente, dez classes principais divididas em dez e assim por diante. A Biblioteca do Congresso é alfanumérico e com base em 26 classes, uma para cada letra do alfabeto. Comparada a Dewey é bruta e confusa, e eu só tinha a biblioteca desse jeito por causa de Maggie. Era ao que ela estava acostumada a fazer.

—Alfanumérico—então essa é a sua sopa de letrinhas.

—Sim, e esta biblioteca esteve uma sopa desorganizada por muito tempo.— Daniel balançou a cabeça enquanto ele escrevia uma série de números em um cartão de índice e colocou-o dentro da capa de um livro.

—Oh meu Deus—, disse Eleanor, parecendo chocada.

—O que?

—Você é um nerd.

Daniel somente olhou para ela um momento antes de rir.

—Eu não sou um nerd. Eu sou um bibliotecário.

—De jeito nenhum—, disse ela, lembrando novamente a paixão feroz e a habilidade que ele tinha demonstrado na última noite. —Acho que eles estavam certos.

—Quem?

—Você sabe, quem disse que “são sempre os mais calmos”.

A boca de Daniel contraiu em um meio sorriso perverso.

—Eu sou o mais calmo—, disse ele, piscando uma olhada a Eleanor quase derrubou-a de joelhos.

Ela tossiu e sacudiu-se fora do devaneio erótico em que ela tinha caído.

—Ok—, disse ela, caminhando em direção a ele com mais prazer do que coragem. —Eu posso aceitar que você é um bibliotecário e um deus do sexo.

—Bem, considerando o seu amante é um pad...

—Não. *Nyet*⁶. Pare. Eu lhe disse ontem à noite...

—Ah sim. Eu esqueci. Nosso amigo em comum está fora dos limites para discussão.

—Se você quer que eu sobreviva a esta semana que irei passar com a minha saúde mental intacta, então sim.

⁶ Nyet – Não em russo

—O que eu faço. Por isso, peço desculpas. Mas, como nós mal conhecemos um ao outro, encontrar um tema de conversa além do nosso amigo em comum pode ser difícil.

—Oh, eu duvido disso—, disse ela, sentando na mesa ao lado de uma pilha de livros. —Temos livros em comum, o sexo... — Ela contou com os dedos.

—Todos os dois—, Daniel disse cético.

—Bem...— Ela estendeu o pé e bateu na perna dele levemente. — Nós temos você.

—Eu?

—Sim. Estou curiosa. Você é uma curiosidade. Contanto que você não se importa de responder a perguntas pessoais...

—Quão pessoal?— Daniel interrompeu.

—Intrusiva sem remorso, me conhecendo. Inescrupulosamente, então.

—Você tem um grande vocabulário, Eleanor.

—E você tem uma grande...— Ela fez uma pausa quando ele deu a ela um olhar de advertência. —Casa.

—Eu tenho.

—Como é que um bibliotecário paga uma casa assim? Esta foi a primeira pergunta assumidamente pessoal, no caso de você querer fazer a contagem das perguntas.

Daniel sorriu, mas Eleanor viu o fantasma pálido de dor passar através de seus olhos.

—Os bibliotecários não podem pagar casas como esta. Mas um parceiro em uma firma de advocacia de Manhattan pode.

—Sua esposa? Ela era uma advogada?

—Ela era. Uma advogada muito poderosa.

—Você se casou com um tubarão? — Perguntou Eleanor, rindo.

—Um tubarão corporativo, na verdade.

—Uau,— Eleanor disse, devidamente impressionada. —Como você a conheceu?

—Na biblioteca, é claro.

—Ela lia?

—Ela doava—, Daniel disse, com grande ênfase na última palavra. —Ela dava bailes, galas, festas, eventos de caridade, angariadores de fundos de todos os matizes. Ela realmente tinha um coração e uma consciência. Ela era o rosto humano de uma contrária e muito imponente antiga empresa. Em um certo ano ela realizou um baile de gala para arrecadar dinheiro para uma caridade literária na NYPL...

—Putá merda, você trabalhou na NYPL⁷?

—Fifth Avenue, Main Branch⁸,— ele disse com orgulho mal disfarçado.

⁷ New York Public Library, uma das principais bibliotecas do mundo, localizada em Nova Iorque.

⁸ Fifth Avenue é a rua onde está situada a biblioteca. Main branch é um dos edifícios que fazem parte da biblioteca.

—Com Lenox e Astor?—, Perguntou ela, nomeando os dois leões famosos que guardavam a lendária biblioteca.

—Em dias quentes eu saia para almoçar com Astor.

—Por que não Lenox?

—Ele fazia muitas perguntas pessoais.

—Eu já gosto dele. Então vocês os dois eram convidados de uma festa?

—Ah não. Ela foi a anfitriã. Aconteceu de eu estar trabalhando até tarde naquela noite na sala do Mapa. Humilde arquivista. Não era importante o suficiente para um convite.

—Então, você estava escondido em um canto empoeirado alfabetizando mapas do século 18 da Tierra del Fogo...

—Algo para esse efeito...

—E ela desliza para longe da multidão sufocante geriaticamente ricas...

—Alguém já lhe disse que você devia ser escritora?

—Ninguém que já tenha tentado dizer isso a ela antes. Mas de volta para você e ela. Então você está até os cotovelos no Fuego e ela corre em toda a elegância descabelada, sem fôlego, desesperada por apenas um momento de solidão...

—Na verdade eu estava examinando um mapa da Eurásia por sinais de desgaste; e ela passeava em toda a sua calma e, desculpou-se

educadamente quando ela me viu e disse que ela simplesmente queria ver a biblioteca de noite.

—Eu gosto mais da minha versão. Mas ainda é romântico. Você deu-lhe um tour? Foi amor à primeira vista?

—Intrigante à primeira vista. Achei que ela era apenas uma convidada na festa de gala. Ela era linda, inteligente, um jovem de trinta e nove anos muito bonita.

—Ohh... Uma mulher mais velha. Eu amo isso.

—Sua idade ou a minha nunca foi um fator. Ou talvez fosse. Ela era mais velha do que eu, poderosa, rica... Mas à noite, quando estávamos sozinhos...

—Ela era sua escrava—, disse Eleanor, terminando sua sentença.

—Minha escrava. Minha propriedade. Minha posse.

—Sua posse... Eu sei como ela deve ter sentido. Pressão de estar no comando do mundo. Tanta responsabilidade. O mundo inteiro nela... Para deixar-se ser livre e apenas se entregar a você, para dar a você...

—Estou feliz que você entende—, Daniel disse começando a peneirar outra pilha de livros. —Poucas mulheres fazem.

—Oh, elas entendem. Elas têm apenas medo de admitir isso. Sim, salário igual para trabalho igual e nossos corpos nós mesmas e Gloria Steinem⁹ e todo aquele jazz¹⁰... Mas naquele pequeno canto escuro

⁹ Famosa jornalista apoiante do feminismo.

¹⁰ Gíria. Decidi manter a tradução do original. Significa “e todo aquele tipo de coisas”.

empoeirado do coração de cada mulher, onde mantemos nossos mapas de Tierra del Fuego vive a fome para buscar um homem poderoso que tenha os seus chinelos sobre suas mãos e joelhos.

Eleanor ficou satisfeita ao ver que as suas palavras tiveram um efeito semelhante sobre Daniel como fez sobre ela. Sua respiração acelerou ligeiramente, enquanto as mãos deliberadamente acariciaram a lombada de couro do livro na mão dele.

—Então você—, disse ela, encontrando seus olhos, — é um bibliotecário. O que isso me faz então? Um empréstimo de sete dias?

Daniel riu quando ele colocou o livro de lado. Ele se aproximou dela e levemente agarrou seus joelhos.

—Empréstimo de sete dias... Eu não tenho certeza se eu gosto da ideia de devolvê-la.— Ele deslizou as mãos para cima das coxas dela e segurou-a pelos quadris.

—Mas o que acontece com as multas de atraso? — Ela perguntou, piscando os olhos para e brincando.

—Eu acho que eu posso pagar—, disse ele. Eleanor tentou expressar outro protesto, mas sua boca estava já na dela.

Beijou-a com uma urgência que não sentira na noite passada. Na noite passada, ele tinha descoberto, tomado por ele próprio. Esta manhã, ela sentiu a necessidade de tê-lo. Não era sobre o seu corpo como uma substituição de sua esposa. Eleanor fez ele rir, lhe deu uma pausa, mesmo

que apenas momentânea, de três anos de dor. Desta vez ele não estava conquistando. Desta vez, ele estava apenas grato.

Daniel afastou-se de seu assento na mesa. Ela perguntou se ele iria levá-la no chão ou levá-la de volta para seu quarto. Em vez disso, ele virou-a para que ficasse com as costas para o peito dele. Colocou um lento, possessivo beijo ao longo do comprimento de seu pescoço antes de a empurrar para a frente sobre a mesa.

Eleanor forçou uma calma e profunda respiração enquanto Daniel a despia nua da cintura para baixo. Ela preparou-se para a sua entrada, esperando que fosse tão repentina e feroz como na última noite. Mas ele esperou, correndo as mãos sobre as coxas, através de sua parte inferior das costas, deslizando uma mão entre as pernas dela para acariciar seus lábios exteriores até que ela estava tão ansiosa por ele que ficou na ponta dos pés em prontidão. Quando ele finalmente a penetrou era lento e metódico. Ele agarrou a parte de trás de seu pescoço quando ele começou a empurrar. Ele não foi tão fundo hoje como na noite anterior, mas moveu-se em espirais dentro e fora, atingindo todos os cantos dentro dela.

Ela gemeu baixinho, sua respiração quente fumegando um rastro no frio mogno da mesa sob sua bochecha.

—Você gosta por trás—, disse ele. Não era uma pergunta.

—Deus, sim—, ela confessou sem vergonha.

—Há mais de uma maneira de entrar por trás.

—Se você acha que isso é uma ameaça, então você não me conhece muito bem—, disse ela, presunçosa, mesmo quando contorcia debaixo dele.

—Eu não—, admitiu, um pouco ofegante, mas ainda no controle.
—Mas isso vai mudar.

Como que para provar seu ponto, ele empurrou para baixo e profundamente nela, provocando tanto um espasmo muscular e um suspiro afiado.

Ela fechou os olhos. Ele aumentou o ritmo. Quando ela gozou, ela gozou quão silenciosamente possível, mas ainda alto o suficiente para Daniel ouvir e rir um pouco antes que ele viesse com três estocadas finais e um grunhido abafado no fundo da sua garganta.

A respiração de Eleanor lentamente se acalmou. Ela piscou e levantou a cabeça. Tudo o que ela viu foram milhares de livros empilhados e arquivados e ordenadamente espalhados. Daniel ainda estava dentro dela.

—Deus, eu amo um homem que lê—, ela respirou e deitou a cabeça sobre a mesa, cansada.

Com o sexo já fora do seu sistema — no momento, pelo menos — Eleanor e Daniel fizeram diligentes progressos em sua biblioteca. Daniel ordenou, reclassificou enquanto Eleanor espanou as estantes de livros em questão e recolocou na prateleira os livros Dewey na ordem correta.

Às vezes eles falaram enquanto eles trabalhavam: Eleanor aprendeu sobre a infância de Daniel no Canadá, a fonte de sua impermeabilidade a invernos da Nova Inglaterra, e Eleanor confessou sua frustração com a falta de ambição dela. Ela queria, em teoria, fazer mais do que o trabalho em uma livraria, mas estava tão feliz, a maioria do tempo, com ele que ela não conseguia se obrigar a fazer qualquer tipo de mudança profunda.

—O contentamento pode ser o inimigo—, concordou Daniel e parecia que ele sabia sobre o que ela estava falando. —Mas não se preocupe. Vida, morte, ou um ato de Deus eventualmente intervêm. Aproveite o contentamento enquanto dura. Não vai durar para sempre.

Eleanor estremeceu com a amarga verdade de suas palavras.

—Você tem sido feliz em ficar sozinho por três anos. Então eu sou a vida, a morte, ou ato de Deus enviado para agitar as coisas aqui?

—Você—, ele disse, —é uma força da natureza.— Ele deu um tapa na bunda dela e ordenou que ela voltasse ao trabalho.

Eles trabalharam a maior parte em silêncio, silêncio sociável depois disso, falando apenas sobre os livros e como eles deviam ser melhores arranjados. Durante uma pausa para alongar as costas, Eleanor vagueou até a um canto da parede sem janelas. Duas dúzias ou mais de caixas de papelão foram empilhadas ordenadamente.

—O que é isso?— Ela gritou para Daniel.

—Para dar—, disse ele, chegando ao canto. —Velhos livros de lei de Maggie. Há uma faculdade de negócios com um programa legal na cidade. Eu estava indo para doar os livros para a sua pequena biblioteca de direito.

—Indo?

—Bem, eu ainda vou. Eu só não tenho bastante...

Eleanor deu-lhe um olhar plano e firme.

—Há quanto tempo estes estão aqui nessas caixas?

—Um ano, eu suponho.

Eleanor continuou a olhar fixamente para ele.

—Você lembra que eu sou o dominante nesta relação particular, sim?

Eleanor não se intimidou.

—Então, se porte como um.

—Eu vou.— Com isso, Daniel pegou-a e jogou-a por cima do ombro, levando-a se contorcendo de volta para a estante que tinham vindo a trabalhar. —Volte. Para. O. Trabalho —, ele ordenou colocando-a, gentilmente, mas com firmeza em pé.

—Sim, senhor.— Ela virou-se e subiu agilmente a escada da biblioteca.

—Eleanor—, Daniel disse, depois de alguns minutos real de trabalho ter se passado.

—Sim, senhor?

—Vou ligar para o colégio amanhã.

Eleanor sorriu um sorriso que apenas as prateleiras podiam ver.

—Sim senhor.

Eleanor gemeu em verdadeiro êxtase.

—Meu Deus... Isso é tão bom...

—Eu sei—, respondeu Daniel, dando outra grande mordida. —Eu tenho uma vizinha, uma senhora mais velha na propriedade adjacente a minha. Ela fez isso.

Eleanor lambeu o garfo e mergulhou na lasanha novamente.

—Deus a abençoe. Será que você foi buscar isto enquanto eu estava no chuveiro?

Os olhos de Daniel brilharam para a pergunta inocente. Após um dia inteiro de trabalho na biblioteca empoeirada, Eleanor tinha passado uma sólida hora tomando banho e mudando para suas roupas de dormir, e quando ela surgiu Daniel tinha o jantar esperando por eles.

—Não.— Sua voz estava calma. Tudo o que ela tinha visto tinha ido e vindo. —Seu marido trouxe. Ele faz alguma da manutenção da minha propriedade. E ele trouxe mais lenha —. Ele pegou outra tora e atirou-a no fogo quente alaranjado. A madeira estalou e chiou; Eleanor respirou a fumaça crua com prazer. Ela ficou em silêncio por um longo momento. Quando ela teve a certeza de que Daniel estava olhando para ela, ela disse: —Eu estava pensando.

—Sempre uma procura perigosa.

—Diga-me sobre isso.

—O que você estava pensando?— Daniel perguntou, uma nota cautelosa em sua voz.

—Por que estou aqui? Sério? Quero dizer, você parece bem. Ainda triste. Muito triste. Mas dificilmente um caso desesperado. O que estou fazendo aqui?

—Você não sabe?

—Não. Quero dizer, ele —, ela ainda não diria o nome do amor dela, que a tinha abandonado aqui, mesmo se ela estivesse se divertindo muito mais do que ela queria admitir. —Ele disse que ia ser boa companhia para você, que eu iria ajudá-lo a voltar para o mundo. Mas como eu disse, você não parece que precisa de tanta ajuda.

—De volta para o mundo? Bastante jeito com as palavras que ele tem. Só ele poderia dizer a absoluta verdade e ainda manter tudo em segredo.

—Então, qual é a verdade? E qual é o segredo?

—Voltar ao mundo...— Daniel disse novamente. —É um cliché. Alguém se divorcia ou é dispensado, viúvo. E depois de algum tempo, é hora de voltar lá fora. Namorar de novo, fazer novos amigos, encontrar alguém novo. É figurativo, não literal. Mas eu...

Ela sabia que o segredo antes que ele pudesse dizer a ela.

—Daniel? Quanto tempo se passou desde que você deixou a casa?

—Oh, eu saio de casa o tempo todo. Mas eu tenho oito acres e...

—Quando?

—Minha mulher morreu a três anos, cinco meses e onze dias.

Então tem sido...

—Três anos, cinco meses e onze...

—Nove dias. Eu fui a um funeral. Eu era um equivalente humano a base de um tranquilizante de cavalos, mas fui.

Eleanor sacudiu a cabeça.

—Eu sinto muito. Eu não sabia. Mas como? Ao longo de três anos?

—Maggie me deixou um homem rico. Dinheiro, bons vizinhos, e a internet é tudo o que você realmente precisa. Eles foram meus zeladores, os meus guardas na torre. Uma prisão agradável —, disse ele, olhando em volta para a decorada e requintada sala de estar onde eles descansavam. — Não necessariamente em bares. Acho que o nosso amigo mútuo estava esperando que uma semana com você iria me dar uma amostra do que eu estava perdendo.

Eleanor bufou de escárnio.

—Ele não é tão altruísta. Não quando se trata de mim. Ele acha que você vai me foder até você se apaixonar por mim. Anzol, linha e chumbada e depois, quando eu for, você vai seguir.

—Eu sofri nesta cadeira, nesta casa, todos os dias durante três anos e ele acha que eu vou me apaixonar por você em uma semana?

Eleanor deu de ombros e olhou para longe de seu rosto e para o fogo. Ela se assustou quando sentiu os dedos de Daniel deslizar sob seu cabelo e tocar a nuca dela.

—Eu não sei—, disse Daniel. —Talvez ele esteja certo.

Ele se inclinou e beijou o ponto sensível abaixo da orelha, distraíndo sua atenção enquanto ele pegava o prato de lasanha dela e deixava de lado.

—Mas eu não terminei—, ela fez beicinho, não mais com fome para comer qualquer coisa, mas ele.

—Sim, você terminou.

—Sim, senhor.

—Deite-se de costas.

—Muito sim, senhor.

Daniel sorriu para ela, uma vez que ela se posicionou sobre o tapete macio em frente à lareira.

—Você podia pelo menos fingir estar intimidada.

—Sem ofensa, mas eu tive professores de ginástica mais assustadores do que você. E lembre-se a quem eu pertenço —, ela disse, realmente não querendo se lembrar naquele momento. —Ele faz você parecer como coelho bebê fofo com orelhas caídas.

—Ouch. Nem mesmo um coelho adulto, mas um coelho bebê.

—Sim.— Ela estendeu a mão e roçou sua bochecha. Ele realmente era desnecessariamente bonito.

—Ele é, ruim assim?

Eleanor sacudiu a cabeça.

—Bom assim.

Daniel riu.

—Eu continuo esquecendo com quem estou lidando. A rainha do kink.

—Eu sou uma submissa treinada. Mais como consorte do rei. Eu não sou digna de ter uma classificação real —, disse ela com uma piscadela.

—Bem, eu estou honrado em consorciar com você.

Eleanor lhe deu o seu melhor sorriso perverso.

—Então consorte comigo já.

Daniel sorriu de volta.

—Sim, senhora.— Ele olhou-a de cima e para baixo e algo mudou nos seus olhos como se de repente teve uma ideia muito boa.

—Onde você está indo?— Eleanor perguntou quando Daniel se levantou e moveu-se para sair.

—Obter suprimentos. Fique.

Eleanor ficou deitada de costas na frente da lareira. Ela fechou os olhos e perguntou que coisas sórdidas, Daniel fez para sua esposa sobre este tapete. Ela abriu os olhos e viu Daniel de pé sobre ela. Ele pousou um tubo de lubrificante e uma toalha no chão, próximo ao seu quadril. Deliberadamente, ele começou a enrolar a manga direita da camisa.

Eleanor não tinha como imaginar mais.

—Você tem que estar brincando—, disse ela, com o coração disparado.

—Olha como eu estou brincando?— Daniel caiu de joelhos. Ele aliviou suas calças de pijama para baixo das suas pernas e jogou-as de lado. Com um manuseio, ele soltou a toalha e colocou-o sob os quadris dela.

—Certamente ele fez isso com você antes—, disse Daniel.

—Ele fez... Em ocasiões especiais.

Daniel afastou os joelhos separados.

—Considere isso uma ocasião especial. Agora você está intimidada?

Eleanor respirou fundo.

—Sim. Feliz?

—Muito.

Ela respirou e olhou fixamente para o teto. Ela se encolheu ao primeiro toque de Daniel.

—Desculpa. Esse material é frio.

—Eu sei. Mas é necessário. Apenas relaxe.

—Os cara sempre dizem para relaxar. Você estaria relaxado se alguém estivesse prestes a colocar toda a sua mão em você?

—Eu não posso dizer que estaria relaxado, mas estou bastante certo de que eu não seria argumentativo.

—Ponto tomado.

Daniel parou de tocá-la.

—Feche os olhos—, ele ordenou suavemente. —Apenas inspire e expire. Diga-me se alguma coisa doer.

Ela assentiu com a cabeça, mas não respondeu. Ela começou a respirar lentamente — para dentro... Então para fora, para dentro... então para fora. Ela podia fazer isso, tinha feito isso. Se ela fosse honesta ela teria admitido que ela amava isso.

Os dedos de Daniel voltaram para ela. Ele abriu os lábios separados com a mão esquerda, enquanto ele empurrava dois dedos de sua mão direita profundamente dentro dela. Eleanor manteve-se respirando. Ela aprendeu o segredo. Ela sabia que não podia permitir-se a ficar excitada demais. Os músculos vaginais se apertavam quando excitados. Ela tinha que manter a calma, esvaziar-se, deixá-lo entrar completamente, empurrando nada mais do que medo para fora. O perfeito ato passivo para um verdadeiro submisso.

Dentro dela, Daniel fez espirais lentos com a mão... Movendo, pressionando contra suas paredes interiores, abrindo-a até que três, então, quatro dedos estavam dentro dela.

—Você está bem?— Daniel perguntou, uma gentil preocupação em sua voz.

—Muito bem.

—Você está pronta?— Ela não tinha que perguntar do porque estava pronta....

—Sim.

Se os quatro dedos encheram, não era nada comparado à sensação de toda a sua mão, o punho inteiro dentro dela. A calma quebrou por um momento e ela engasgou com a forma como ele agora enchia. Ela espalhou suas coxas mais amplamente, fortemente pressionando em sua mão. Ela sentiu seu próprio fluido frio e escorregadio em suas coxas.

Daniel mal se movia. Ele não precisava. Eleanor se contorcia em torno de sua mão, seu corpo dividido entre a necessidade de empurrá-lo para fora ou puxá-lo mais e mais fundo.

Ela inclinou-se e agarrou seus próprios joelhos. Pela primeira vez, ela olhou para baixo e viu o pulso de Daniel profundamente dentro dela. Ela caiu de costas, levantou os quadris e teve um orgasmo tão feroz que até mesmo Daniel engasgou.

Enquanto ela ofegava, ele puxou cautelosamente para fora dela. Ele usou o canto da toalha debaixo dela para secar a mão dele. Ele rolou-a sobre o estômago, Eleanor estava mole como uma boneca de pano. Ela sentiu o líquido frio nela novamente, desta vez dentro de seu traseiro. Em seguida, era Daniel dentro dela empurrando avidamente. Ela estava cansada demais para aproveitar. Ela simplesmente esperou pacientemente debaixo dele quando ele usou-a para seu próprio prazer e se desgastava

dentro dela uma vez e depois novamente quando uma vez se mostrou inadequada para saciar seu apetite por ela.

Finalmente eles se deitaram nus, próximos um do outro, doloridos e cansados e sorrindo.

—Eu estava pensando—, disse Eleanor se voltando para deitar sobre o peito de Daniel.

—Sempre uma perseguição busca... O que você estava pensando?

—Sua esposa. Eu sei que ela morreu de câncer, mas ainda...

—Ainda o que?

—Eu tipo que invejo ela.

Eleanor passou os próximos três dias em uma névoa de sexo e livros e felicidade. Não havia espaço da casa que eles não tenham batizado; não havia nada que eles estivessem com medo ou não queriam fazer um para o outro. O nevoeiro cresceu tão espesso que Eleanor tinha que se manter lembrando que dia era e quanto tempo ela esteve lá. Ela chegou no sábado, hoje era quarta-feira, iria embora na sexta-feira... Sair na sexta-feira.

Quarta-feira Daniel veio para ela e trouxe-a de volta para o quarto dele. Ele despiu-a e deixou-a de pé ao pé da cama. Ela relaxou e respirou sabendo exatamente o que estava por vir.

—Diga-me sua palavra segura, Eleanor—, Daniel ordenou enquanto ele puxava os braços atrás das costas, inclinou-a sobre a cama, e colocava as algemas de bondage em cada pulso.

—Não importa—, disse ela. —Faça o seu pior. Você não vai ouvir isso.

—Não acha que esta arrogante?

—Nem um pouco arrogante—, ela respondeu. —Só muito bem treinada, senhor.

Ele puxou-a de pé e acorrentou os braços acima da cabeça ao pé da cama. Os primeiros golpes do chicote pousaram em suas costas suavemente. Daniel foi bem treinado também. Em cada longo espancamento forte era sempre prefaciado por um suave para dessensibilizar a pele. Inspirando e expirando lentamente deixou a dor passar por ela como ela tinha sido treinada para fazer. A pressão se intensificou, a dor aumentou. Daniel fez uma pausa apenas o tempo suficiente para penetrar por trás dela com duros golpes curtos. Ele gozou em suas coxas, puxou asperamente para fora dela, pegou o chicote, e bateu nela novamente.

Uma hora depois, ele finalmente a soltou e deixou-a cair no chão. Ele estava em toda parte com viciosas mãos e dedos sondando. Ele mordeu seu pescoço e seios e empurrou até que ela quase chorou da mistura de prazer e dor. Ela sentiu Daniel vindo mais e mais de volta à vida cada vez que ele a levava. Empurrando-a sobre seu estômago, ele

forçou-se dentro dela novamente. Suas coxas estavam molhadas com o seu fluido misturado com o dela. Suas costas queimadas com vergões. Debaixo dele, presa ao chão, uma parte dela queria ficar lá para sempre.

Uma hora... Três horas mais tarde... Ela perdeu a noção do tempo. Ela esqueceu o nome dela, esqueceu-se de onde estava... E mais perigosamente esqueceu momentaneamente a quem ela pertencia. Empurrando seus quadris forte em direção a Daniel, Eleanor gozou tão forte que ele engasgou da intensidade das contrações musculares que o agarravam como uma mão. Quando Daniel chegou, foi com uma força que rasgou em seu estômago e fazendo-a chamar o nome dele. Muito tempo depois eles jaziam entrelaçados, Daniel ainda dentro dela.

Ela deitou-se em seus braços e tentou não dizer o que ela sabia que precisava dizer.

—Vou embora sexta-feira.— Não foi um lembrete ou uma provocação. Ela só tinha que dizer isso para lembrar que era verdade.

—Sexta-feira,—Daniel disse, inclinando-se sobre ela para soprar as duas velas que ardiam na cabeceira. Um sinal claro de que estava na hora de dormir. —Ainda há tempo.

Daniel facilitou as cobertas e puxou Eleanor para perto dele.

—Tempo para quê?— Ela perguntou, já meio adormecida.

—Tempo para mudar sua mente.

Daniel e Eleanor passaram a manhã seguinte terminando a sua biblioteca. Todos os livros tinham sido recodificados e devidamente arquivados. O trabalho progrediu rapidamente, por uma vez, Eleanor trabalhou em silêncio. Ela não podia tirar as palavras de Daniel fora de sua mente. Ele queria que ela ficasse com ele... Aqui na sua requintada prisão. Era impensável. Ela pertencia a outra pessoa, pertencia a *ele* como seu coração pertencia a seu peito. Ela não mais iria deixar ele do que amputar seu próprio braço. Impensável... E ainda, ela estava pensando sobre isso.

—Quer parar para o almoço?— Daniel perguntou logo depois da uma da tarde.

Eleanor não respondeu.

—Ele? Eleanor?

Ela exalou lentamente.

—Empréstimo de sete dias, lembra?

—O que é que foi isso?

Eleanor se virou para ele.

—Empréstimo de sete dias. Esse era o acordo.

Daniel assentiu, mas ficou claro que ele não estava assentindo em concordância.

—Esse era o acordo. O negócio pode mudar.

—Não. Não pode —, disse Eleanor, de repente com raiva. —Não é uma piada. Eu não sou um livro da biblioteca. Eu não sou uma parte da coleção permanente.

Daniel não disse nada por um longo tempo.

—Você poderia ser.

Eleanor apenas balançou a cabeça.

—Eu não posso acreditar nisso. Você é amigo dele e eu sou o tudo dele e você está fazendo isso. —Ela saiu da biblioteca e continuou pelo corredor, parando apenas para agarrar o casaco. Ela estava fora da porta e na neve. Ela se dirigiu até a calçada longa e sinuosa. Logo ela ouviu passos atrás dela.

—Eleanor, volte para casa.

—Volte você para casa. É a sua maldita prisão. Não a minha. —Ela continuou andando. Estava frio lá fora, mas ela estava muito chateada para perceber ou se importar.

—Você está em uma jaqueta e calça jeans e está três graus negativos aí fora.

—Bem, você deveria ter pensado nisso antes de me pedir para ficar.

—Isso não faz sentido algum.— Eles estavam quase no limite do caminho longo. —Eu não sou quem está fugindo.

Eleanor virou-se e parou. Ela estava no final do caminho. Dois passos para trás e ela estaria fora de sua propriedade e na estrada.

—Não. Você não está fugindo. Você não está correndo ou andando ou passeando ou indo a qualquer lugar. Você está ficando e apodrecendo e

se escondendo. E não há muito que você e eu não fizemos juntos esta semana, mas eu não vou fazer isso com você.

Daniel deu um passo em direção a ela. Apenas um, mas ela deu mais um passo para trás.

—Eleanor.— A voz de Daniel estava calma e controlada. Ele soou como um jóquei tentando acalmar um cavalo assustado. —Podemos falar sobre isso. Nada tem de ser decidido hoje. Basta entrar e sair do frio. Eu *estou* com frio, também, e eu nunca fico com frio. Eu sei que você deve estar congelando. Entre.

Eleanor unicamente olhou para ele. Mesmo assim zangada com ele, no frio e com medo, ela não podia negar que ele era impressionantemente bonito. O pesar tinha deixado a sua marca nele. Seus olhos estavam assombrados e seu corpo magro e frio... Como o granito. Ela sabia sobre granito, como você pode construir sobre ele ou ser quebrado nele.

Ainda sem dizer uma palavra, ela deu os últimos passos para trás para fora de sua propriedade.

—Se você me quer de volta em casa, venha me pegar.— Ela não estava zombando dele. Tudo o que ela queria era ajudá-lo.

—Não faça isso comigo.— Daniel olhou para ela com tanta delicadeza que ela estava instantaneamente com vergonha de si mesma. Mas ainda assim ela não se moveu.

—Você está fazendo isso a mim—, ela respondeu. —Eu o amo com tudo o que sou e você está me pedindo para deixar isso ir, para deixá-lo. Eu não vou fazê-lo. Eu não posso fazê-lo. Eu o amo tanto quanto você amava ela. Mais talvez se ele morresse gostaria de viver como ele teria desejado que eu vivesse e não com algum eremita em uma caverna.

—Então, somente diga “não” para mim. Deixe-me pedir-lhe para ficar e apenas diga “não”. Sem congelamento ou teatro requeridos.

—Eu não posso deixar você me perguntar—, disse ela.

Daniel deu um meio passo na direção dela.

—Por que não?

—Porque—, disse ela olhando para a neve que endureceu seus sapatos como glacê branco. —Não tenho certeza se eu vou ser capaz de dizer “não”.

—Por que não?— Daniel perguntou novamente enquanto ele avançava mais um passo minúsculo para a frente.

—Quem ele é e o que ele é...— ela fez uma pausa e lágrimas correram de seus olhos. —Cada segundo que eu passo com ele, eu tenho que roubar. Eu durmo em sua cama e sei que não há lugar no mundo onde eu preferia estar, mas é o último lugar no mundo que eu deveria estar. Tenho noites de sábado com ele, às vezes, uma noite de quinta-feira se estou com sorte. Mas nunca as manhãs. O que eu não daria por uma quarta-feira ou domingo de manhã...

—Você está apaixonada por um padre, Eleanor. O que você esperava?

—Não é o estar apaixonada por um padre para começar—, disse Eleanor, meio rindo, meio chorando. —Cada manhã esta semana que você fez amor comigo. Você é todas as manhãs e tardes e noites e eu não tive que roubar um único segundo. Você somente tem todos para dar. Então, se você me pede para ficar... Por favor, Daniel, não me peça para ficar.

Quando Daniel assentiu, desta vez era em acordo.

—A única coisa que eu vou pedir é que você volte para dentro comigo.— Ele ainda estava em sua propriedade, mas quando ele estendesse a mão cruzaria para o lado dela. Ela pegou e odiava o quão bom seu pequenos dedos frios se sentiram embrulhados em sua grande mão quente. Ela odiava, mas não deixou soltou até eles estarem de volta lá dentro.

Daniel soltou da mão dela, mas apenas para que ele pudesse segurá-la pelos ombros e puxá-la para ele. Ele beijou-a e despiu-a, ao mesmo tempo. Ela estava presa à porta da frente antes que ela percebesse.

—Vou deixar você ir embora—, disse ele em seu ouvido enquanto ele a erguia por suas coxas e empurrou seu pau dentro dela. —Mas eu vou ter certeza de que você vai sentir minha falta.

Ele foi implacável. Eleanor agarrou seus ombros. Ele ainda estava vestido. Só que ela estava nua e espalhada contra a implacável porta da frente. Só que ela estava tomando e tomando enquanto ele estava dando

mais e mais de si mesmo cada vez que ele empurrava dentro dela: ela tomou sua necessidade, sua tristeza, sua determinação em mantê-la, sua raiva que ele não podia, seus dedos sobre seu clitóris, e, finalmente, o seu sêmen que vertia enquanto ela estremecia do orgasmo que ele também tinha dado a ela.

Eleanor colocou os braços em volta do pescoço de Daniel quando ele baixou os pés dela no chão frio. Ela se inclinou para ele e inalou seu cheiro — quente e limpo com um pequeno indício de fumaça de lareira — e gravou na memória.

—Não se preocupe—, disse ela, finalmente, deixando-o ir. —Já sinto sua falta.

Eleanor e Daniel estavam deitados na cama na noite de quinta, a sua última noite, com seus braços e pernas envolto em torno deles, de modo que era quase impossível dizer onde um terminava e o outro começava.

Amanhã de manhã o carro viria para Eleanor e a levaria de volta para o mundo exterior e para ele quem ela sentia falta entre respirações e amaldiçoava em cada respiração no meio.

—O que vai fazer depois que eu me for?— Eleanor perguntou, sem saber de que outra forma evitar o tema.

—O que você acha que devo fazer?— Daniel perguntou quando ele puxou Eleanor ainda mais perto do que ela já estava.

—Eu não sei. Você tem o dinheiro, sem emprego, e está porra congelando lá fora. Vá para a Tierra del Fuego ou algo assim. Ouvi dizer que é agradável nesta época do ano.

Daniel riu e o movimento do peito do sorriso contra suas costas quase a cambaleou novamente. Ele podia parar de ser sexy por um momento?

—Tierra del Fuego é quase o extremo sul da América do Sul, a poucos passos da Antártida. Neva lá no verão.

—Uau. De qualquer forma, você deve estar acostumado com todo aquele frio. Aposto que é bonito lá.

—Sim, eu imagino que seja. Os nativos provocam incêndios constantemente para afastar o frio, daí o nome Terra de Fogo.

—Como você sabe tudo isso?

—Bibliotecário, lembra?

—Eu continuo esquecendo.— Ela alcançou entre as pernas e acariciou-o. —Eu realmente vou ter que renovar o meu cartão da biblioteca quando eu voltar.

—Você deveria—, Daniel disse pressionando-a de costas e deslizando para dentro dela. —Cuidado com aquelas multas por atraso.

Eleanor riu suavemente quando ela colocou um pé nas costas de Daniel para persuadi-lo a afundar mais.

—Oh, eu acho que posso pagar elas.

A manhã chegou cedo demais para ambos. Eleanor acordou com seu estômago pressionado no colchão e Daniel dentro dela, gentilmente empurrando. Ele estava muito desesperado por ela até mesmo para esperar que ela acordasse por ela mesma. Fizeram amor em silêncio, mudos pela dor de ter que partir cedo demais.

Daniel finalmente saiu de dentro dela, com uma relutância que ambos sentiam. Ele correu um banho quente para ela e com sabão e as próprias mãos lavaram todos os vestígios de si mesmo fora dela. Eleanor estremeceu na água apesar da quase escaldante temperatura. Ela teria preferido ter ido para casa suja dele, manchada e marcada por ele. Ela estava grata pelas poucas contusões pretas que tinha deixado em suas costas e interior das coxas e as marcas de mordida em seu pescoço e seios. Ela sabia que em um ou dois dias desta semana estranha com ele iria desaparecer como um sonho de manhã. Ela precisava de marcas para lembrá-la que tinha acontecido — Daniel era real e ela foi mais do que apenas um empréstimo de sete dias. Ela tinha pertencido a ele. Ela tinha.

Daniel embalou suas coisas enquanto ela secou os cabelos e se vestiu. Ela se sentiu estranha deixando Daniel fazendo as malas com as coisas dela, mas ela o deixou sem qualquer protesto. Ela sabia que ele precisava para se sentir no controle da situação, que sua partida desta manhã era tanto seu fazer quanto a dela.

Eleanor tinha acabado de domar seu cabelo quando Daniel veio para ela. Sua voz era baixa e constante. Seus olhos estavam tranquilos.

—O carro está aqui.

Ela assentiu com a cabeça, não confiando em sua voz, e recolheu o casaco e luvas. Lado a lado, eles entraram em silêncio pelo corredor, descendo os degraus e indo para porta da frente. Eleanor estendeu a mão para a maçaneta da porta mas Daniel deteve com a mão no topo das suas.

—Daniel, eu tenho...

—Chame-me de “senhor”. Mais uma vez, pelo menos.

Eleanor encontrou seus olhos e viu-os arrasados. Ela sentiu algo duro na parte traseira de sua garganta. Ela tentou engoli-lo, mas não podia.

—Sim, senhor—, ela sussurrou.

Daniel fechou os olhos e abriu-os lentamente.

—Eu não vou pedir-lhe para ficar—, disse ele. Eleanor mal conseguia olhar para ele, embora não houvesse nada mais que ela quisesse fazer do que memorizar cada linha e ângulo de seu rosto. —Mas eu quero.

Ela respirou fundo e forçou um sorriso.

—Eu não vou dizer “sim” se você perguntar... Mas eu quero.

Daniel sorriu de volta e aquele sorriso quebrou seu coração mais do que quaisquer lágrimas jamais poderiam.

—Vá. Volte para ele antes que eu mude minha mente e mantenha-a aqui para sempre.

—Ele viria por mim, você sabe.

—Eu sei. Essa é a única razão pela qual não vou tentar.

Daniel tirou a mão da dela e deixou-a abrir a porta. O motorista saiu do carro e colocou as malas no bagageiro. Ele segurou a porta aberta para ela e ela entrou. O motorista ficou atrás do volante enquanto Eleanor rolava a janela escura para baixo.

—Eu nunca vou te ver de novo, vou?— Perguntou ela.

—Não, a menos que você o deixe.

—Eu não vou—, disse ela com certeza impiedosa. —Mas talvez—, ela olhou para a grande casa que aparecia atrás dele, —talvez um dia você vá deixá-la.

Daniel concordou.

—Talvez... Adeus, Eleanor. Fique bem.

Ela deu-lhe seu sorriso mais perverso.

—Sim, senhor.

O carro se afastou e se dirigiu lentamente o caminho. Eleanor fechou os olhos e apoiou a cabeça contra o vidro frio da janela. Ela não olharia para ele. Ela sabia que ele ainda estaria lá nos degraus da casa olhando para ela deixando-o, observando apesar do frio, observando até que cada sinal dela tivesse encolhido a distância e desaparecesse. Era onde ele estava. Ela não tinha que olhar para trás. Ela só sabia disso.

Com os olhos ainda fechados, ela sentiu o carro virar à esquerda para fora da garagem e fazer uma travagem brusca.

—O que o... — Eleanor abriu os olhos e se inclinou para frente. Na frente do carro no meio da estrada e completamente fora de sua

propriedade estava Daniel. Ela arrancou a porta do carro aberta e correu para ele.

—Daniel... Oh meu deus... Você está...

—Eu menti—, disse ele estendendo a mão para ela. —Vou pedir-lhe para ficar. Eu vou e eu estou. Eu estou te implorando para ficar. Eu preciso de você.

Ele beijou-a e ela beijou de volta, muito assustada para dizer qualquer coisa, demasiado comovida para ficar.

Ela finalmente se afastou dele.

—Daniel, você fez isso. Você deixou sua casa, a propriedade. Eu não posso acreditar nisso.

Daniel olhou para a casa na distância próxima e riu como se só agora percebesse o que ele tinha feito.

—Isso só mostra o quanto eu preciso de você. Eu não pisei fora da propriedade, em mais de três anos mas por você... Aqui estou.

Eleanor segurou-o apenas mais um momento, apertou o rosto em seu pescoço e inalou aquele cheiro que era ele e só ele. E, naquele instante viu a sua vida juntos, os dias entre os livros, as noites entrelaçados um do outro, as manhãs para qualquer coisa que quisessem... E eles nunca teriam que estar separados e nunca haveria outro segundo de espera para uma porta se abrir apenas o suficiente para ela deslizar para dentro sem que ninguém soubesse... Ela podia ser de Daniel e Daniel podia ser dela e tudo o que tinha a fazer era dizer “sim”.

—Não—, ela disse e deixou-o ir.

—O que? Não o quê? —Daniel parecia totalmente arrasado.

—Se você ainda estivesse lá, em sua fortaleza, então eu saberia quanto você precisava de mim. Que você está aqui, você está livre... É prova de que você não precisa de mim de forma alguma.

—Eleanor. Por favor.

—Sinto muito—, disse ela se afastando para voltar para o carro. — Eu sei que não vai ajudar nada, mas você deve saber... Somente deixando ele iria doer mais do que isso.

Ela olhou para ele uma última vez antes de deslizar de volta para o carro e dizer uma palavra terrível

—Dirija.

O carro começou a avançar novamente e desta vez nada nem ninguém tentou impedi-lo.

Três meses *depois...*

Ela iria vê-lo hoje à noite, durante toda a noite. O conhecimento de ter doze horas ininterruptas com ele fez com que ela pudesse dançar através de seu dia. Ela dançou até casa do trabalho às oito e deixou cair o saco cheio de livros da biblioteca em sua mesa de cozinha. Ela iria tomar

banho e se trocar, em uma hora, nove em ponto, ela seria dele, totalmente dele toda a noite.

—Ellie?— A voz da mãe gritou por trás de uma porta fechada do quarto.

—Você tem correio. Em sua cama.

—Obrigada!—, Ela gritou de volta e dançou para o quarto dela, no mínimo não muito curiosa para se importar, com qualquer pedaço de lixo de correio que estivesse esperando por ela. Ela olhou para a cama e viu um cartão postal no canto da colcha. Pegou nele. Na frente havia uma foto de montanhas, pontas com neve e verdejantes. Agora curiosa o suficiente para se importar, virou o cartão e leu...

—Tierra del Fuego é realmente muito bonita nesta época do ano. Diga Olá para Astor e Lenox por mim. Amor.

Não estava assinado. Apenas —amor— e nada mais. Mas não precisava de uma assinatura. Daniel... Ela não podia acreditar que ele realmente foi e deixou sua casa — ido até aos confins da terra. A culpa persistente de o ter deixado tão abruptamente desapareceu finalmente. Ele estava bem e ainda mais, ele estava livre.

Eleanor deslizou o cartão postal em um livro que ela tinha acabado de ler e dançou até ao chuveiro.

Ela sabia o que era amor. E estava esperando-a às nove.



Quer ficar por dentro dos lançamentos?
Siga nosso [blog](#) e curta nossa [Fanpage no Facebook!](#)